

LEONARDO MOTA NETO

ANC

10 ABO 1988

10 ABO 1988

## País sem Constituição

O clima de indefinições na Constituinte, tornando cada vez mais improvável que a nova Carta seja promulgada antes das eleições municipais, está dando oportunidade ao presidente Sarney para alterar a relação de forças que pretendia montar em seu Ministério, com a indicação dos novos titulares dos cargos vagos. Agora que pressente o esvaziamento crônico da Constituinte, o Presidente da República passa a se preocupar mais com a montagem do esquema partidário, com que poderá ultrapassar a fase das divisões internas dos dois maiores partidos de sustentação ao Governo, e partir para uma estratégia mais ambiciosa de colocar em cena o "partido do Sarney".

Sabe o Presidente que alguém terá de ocupar os espaços políticos, liberados pela falta de liderança e unidade do PMDB e PFL. Nada melhor que o Poder Central para evitar um vazio de poder que leva fatalmente às intervenções militares. Sarney tem ainda uma chance de consertar a vida político-institucional do País, hoje repartida em fragmentos atomizados, com uma presença firme e consentida de ocupação do lugar que necessariamente deve caber ao Chefe do Governo numa transição e numa sucessão. Sem tal liderança, o processo pode se tornar uma garatuja desenhada por mãos inábeis, com tinta imperfeita e modelo opaco. Sarney atuando, com firme liderança sobre o processo político, ditando iniciativas de ordem constitucional — já que a Constituinte não resolve a nova Constituição —, significaria o retorno à configu-

ração que identifica todo Presidente da República forte, de Campos Salles a Ernesto Geisel.

Sendo assim, o novo elenco de ministros já traria o ideal de um partido afinado com as teses palacianas. Não se falava até ontem, nesse sentido, no nome do deputado Roberto Cardoso Alves para ministro de qualquer coisa, mas à tardinha já começava a ser citado como hipótese real para o MIC, como derivação do fenômeno que torna necessária uma aliança tática entre o Chefe do Governo e os setores conservadores, que integram ultimamente o Centrão, onde o parlamentar paulista é expoente.

O Planalto conta com experimentados operadores para uma ação de tal envergadura, na qual os riscos são evidentes. Risco de não dar certo o projeto partidário, quando, na verdade, o Sr. José Sarney gostaria de continuar tocando o barco até o final de seu mandato com o atual estilo concessivo e conciliador. Nada de rupturas nem de visões cesaristas de liderar um novo partido. Mas o fato é que, se não forem buscar em Sarney esse lastro de chefe, as forças organizadas do País poderão ir buscá-lo nos ministros do Supremo, do Tribunal Eleitoral ou no Quartel-General do Exército. A intervenção do ministro Oscar Dias Correa no processo é singularmente importante. Quem tem algo a contribuir para manter o equilíbrio institucional, entre os Poderes, que o faça logo. O presidente Sarney estaria aceitando o desafio.